

O BAILE DO *KERB*: REPRESENTAÇÃO DA CULTURA ALEMÃ NAS TELAS DE PEDRO WEINGÄRTNER

THE PROM *KERB*: REPRESENTATION OF GERMAN CULTURE IN SCREENS PEDRO WEINGÄRTNER

Cyanna Missaglia*

Resumo: Pedro Weingärtner foi um pintor da transição do século XIX para o XX. Entre suas produções figuram a representação da imagem do imigrante europeu, especialmente do imigrante alemão, retratado em diversas telas do artista. Esta pesquisa busca analisar uma pintura intitulada de *Kerb*, do ano de 1892, atentando para os espaços de sociabilidade, trocas de informações, e fortalecimento da cultura e da identidade teuto-brasileira. Nesse sentido, o baile do *Kerb* pode ser visto como um espaço de suma importância para a comunidade alemã, no Rio Grande do Sul, uma vez que esta festa marcava - além de um espaço de lazer -, um espaço de manutenção de laços entre a comunidade.

Palavras-chave: Imigrante alemão; *Kerb*; Pedro Weingärtner.

Abstract: Pedro Weingärtner was a painter of the late nineteenth century to the twentieth. Among his productions, include the representation of the image of European immigrants, especially German immigrant, portrayed in many paintings of the artist. This research seeks to analyze a painting titled *Kerb*, in the year 1892, noting the social areas, information exchanges, and strengthening the culture and the German-Brazilian identity. In this sense, the prom *Kerb* can be seen as a short space of importance for the German community in Rio Grande do Sul, since this party marked - as well as a leisure area - a maintenance space ties between community.

Keywords: German immigrant; *Kerb*; Pedro Weingärtner.

Introdução:

Este artigo tem por objetivo a análise de uma pintura de Pedro Weingärtner, intitulada de *Kerb* e datada do ano de 1892. Esta tela é rica em informações e detalhes que colaboram para pensar sobre a cultura dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, no século XIX. Nessa pintura é possível perceber diversos aspectos sociais e culturais representados, desde as roupas dos personagens até a decoração do salão. Os bailes do *Kerb* se apresentavam para além de espaços de festejo e sociabilidade, mas também como locais de manutenção da

*Doutoranda em História pela Unisinos, bolsista CAPES/Prosup, Mestre em História pela Unisinos. Especialista em Estudos Culturais nos Currículos Escolares pela UFRGS. Graduada em História pela PUCRS. Possui interesses na área da História Cultural, História Ambiental, Ensino da História e Imigração Europeia; E-mail: cyanna.mf@gmail.com.

identidade teuto-brasileira e formação de redes e laços sociais. Sendo esses elementos muito importantes para o desenvolvimento e fortalecimento das colônias alemãs no Rio Grande do Sul.

A análise desta pintura contribui com estudos na área da história cultural, principalmente para as pesquisas que se utilizam como fonte primordial de investigação as imagens. Nesse sentido, o trabalho historiográfico com fontes imagéticas tem ganhado cada vez mais espaço nas pesquisas das Ciências Humanas. Contudo, a pesquisa com esse tipo de fonte necessita de cuidados teóricos e metodológicos como qualquer outra fonte estudada e problematizada.

Maria Inez Turazzi (2009) ao estudar as estampas do catálogo da *Exposição de História do Brasil*, do século XVIII, discorre sobre a importância das imagens enquanto patrimônio:

Não obstante, não há exagero na afirmação de que as imagens, em todas as suas modalidades (pintura, gravura, fotografia, escultura, etc.), não somente participaram da construção da ideia de patrimônio no imaginário coletivo, como também da ampliação desta ideia muito além de sua configuração material, isto é, para outros domínios da existência humana onde toda a diversidade de bens culturais de uma comunidade pode ser englobada. (TURAZZI, 2009, p. 40).

As imagens vão ajudar na construção de uma identidade visual brasileira, no caso das pinturas de Weingärtner vão colaborar para a construção de uma imagem do Rio Grande do Sul, onde o imigrante alemão e sua cultura serão amplamente representados pelo pintor. Dessa forma, podemos afirmar que essas representações seriam também formadoras de um sentimento de identidade coletiva:

Como expressão material e simbólica de contextos singulares, as imagens respondem pela criação, utilização e combinação, de uma forma própria, das referências concretas e imaginárias que configuram as heranças e tradições de uma comunidade, os modos de ser, fazer e pensar de seus integrantes, enfim, as formas mais diversificadas de criação e representação do sentimento de identidade dos indivíduos e grupos que compõe uma coletividade. (TURAZZI, 2009, p. 48).

A historiografia atual tem apontado um alargamento do campo da pesquisa histórica com imagens, embora seja bastante recente o reconhecimento do uso desse tipo de fonte na história. Alguns autores vêm discutindo essas questões em seus estudos, e fazendo

contribuições para esse campo de pesquisa. Nesse caso, Peter Burke (2004), Jean-Claude Schmitt (2007) e Jacque Aumont (2000) têm dialogado sobre as relações entre história e imagem.

O estudo com imagens é sem dúvida plural, em função das múltiplas possibilidades que delas podemos extrair. A partir desse tipo de pesquisa muitas inferências sobre os processos históricos podem ser feitas. Elementos não encontrados na literatura podem aparecer pelas imagens, ou ainda podem nos dar pistas sobre fenômenos socioculturais dos quais não encontramos em outras fontes. Dessa forma, a interdisciplinaridade também se faz necessária para o estudo das imagens como fonte de pesquisa para a história. Relacioná-las com outras áreas, como a antropologia, a sociologia, a história da arte, e demais disciplinas enriquecem as pesquisas com esse tipo de fonte.

Para Peter Burke (2004) as imagens vão receber significados particulares para cada cultura. Elas são percebidas de forma distinta pelos diferentes grupos. Podem também ser arbitrárias. Burke afirma que o pesquisador deve ter cuidado com as imagens, pois elas não podem ser tomadas como um documento. Alguns desses cuidados referem-se às convicções e ao contexto do artista, à convenção plástica da época, à propaganda e aos estereótipos presentes. (BURKE, 2004, p. 233 - 234).

Toda a imagem seria uma manipulação e uma reconstrução dos acontecimentos. Peter Burke as pensa como vestígios da realidade do passado, e é nesse sentido que essa pesquisa vai buscar entender o imigrante alemão pintado e representado por Weingärtner: como uma forma de reconstrução do passado por meio das imagens. Burke (2004, p. 234) afirma: “[...] as imagens são testemunhas dos arranjos sociais passados e acima de tudo das maneiras de ver e pensar o passado”. Afinal, elas podem apontar determinadas transformações na sociedade, tal qual fontes escritas.

Já o historiador Jean-Claude Schmitt (2007) também observa uma expansão no terreno da utilização das imagens na história nas últimas décadas. Ele pensa a imagem como o próprio problema e não como o complemento da história. A função da imagem vai variar, ela vai ter diversas funções, compactuando com o que Burke já apresentou. As imagens para o domínio da história, conforme Schmitt (2007, p. 11):

Durante muito tempo relegadas ao domínio exclusivo dos historiadores da arte, as imagens são hoje consideradas objetos que revelam, como os demais (os testemunhos escritos, em primeiro lugar), da observação das ciências

sociais e do discurso do historiador. Todas as imagens interessam a este, inclusive, e talvez especialmente, aquelas que parecem desprovidas de valor estético ou de originalidade. [...] Todas as imagens, em todo o caso, têm sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos, são carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos. Isso quer dizer que participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas. Em todos os aspectos, elas pertencem ao território de “caça” do historiador.

Por sua vez, Jacques Aumont (2000), que trabalha a relação da imagem e da narrativa histórica, discorre que: “A imagem representativa, portanto costuma ser uma imagem narrativa, mesmo que o acontecimento contado seja de pouca amplitude”. (AUMONT, 2000, p. 244). Sendo a narrativa um conjunto organizado de significações que juntas se complementam e formam uma história, situada no espaço e no tempo, atenta-se para o fato de que uma das características mais significativas do artista Pedro Weingärtner é pintar representações de acontecimentos que ele vivenciou ou observou, ou ainda representar uma narrativa por meio de suas obras.

Pedro Weingärtner foi um pintor gaúcho de descendência alemã, nascido no Rio Grande do Sul, em 1853. Era filho de imigrantes que vieram tentar a vida no Novo Mundo, talvez por isso a temática da imigração seja tão marcada em sua produção pictórica. Weingärtner morou boa parte de sua vida na Europa, mas seu mercado de trabalho foi no eixo Rio de Janeiro - São Paulo, pois era lá que possuía maior oportunidades de exposições e vendas de suas telas. Gozou de boa crítica na imprensa brasileira por quase toda sua vida. Tinha gosto pela pintura de gênero, sempre bem detalhada e minuciosamente executada. Pintou retratos, temas mitológicos, cenas de guerra, o gaúcho, o imigrante, e as paisagens, tanto as sulistas quanto as europeias. Veio a falecer no ano de 1929, no local onde residiu nos últimos anos de sua vida, Porto Alegre. (GUIDO, 1956).

A pintura abaixo, intitulada *Kerb*, apresenta os imigrantes em uma cena de interior. A festa do *Kerb*¹, designa uma espécie de festa religiosa e familiar ao mesmo tempo, e acabou por se incorporar como atividade característica das comunidades de imigrantes alemães, tendo sido introduzida em território brasileiro pelos próprios imigrantes.



Figura 1 – *Kerb*. Fonte: WEINGÄRTNER, Pedro. *Kerb*, 1892. Óleo sobre tela, 75 x 100cm. Coleção Sergio e Hecilda Fadel. Rio de Janeiro, RJ.

A festa do *Kerb* foi uma das maiores festas da zona colonial alemã, tendo a duração de três dias. A organização da festividade era cuidadosamente elaborada: “Semanas antes realizavam os preparativos, reúnem-se as provisões de cozinha e confeitaria, os doces, etc. [...] No dia da festa o salão principal era adornado com guirlandas, coroas e bandeirinhas”. (WOLFF; FLORES, 1994, p. 208). No período da festa, o trabalho era interrompido e somente o que era estritamente necessário era feito – o que não era pouco, como a arrumação da casa, para receber os visitantes que vinham de longe para participar do baile, a culinária e a decoração da festa. Outro hábito era o uso de roupas novas, compradas ou confeccionadas pelas próprias famílias exclusivamente por ocasião da festa do *Kerb*. Sobre a fartura de comidas que eram preparadas com dias de antecedências, Renata Menasche e Leila Claudete Schmitz (2007, p. 12) contam que:

[...] eram servidos massa, arroz, batatas, porco assado, assado de gado, galinha recheada, tripa e bucho recheados, bolinhos de carne, chucrute, sopa e saladas. O café da tarde, preparado pelas mulheres enquanto os homens

jogavam carta, era composto por cuca, morcilha, lingüiça, rosca de polvilho com *schmier*, mel e requeijão.

Nos dias de festa, o colono tinha a chance de relembrar sua terra de origem, já que das canções aos hábitos alimentares eram feitos aos moldes da tradição aprendida na Alemanha. Eram três dias de opulência e fartura, o que muitas vezes não acontecia no resto do ano. Cada família acolhia em sua casa o maior número possível de parentes, amigos e demais pessoas que necessitassem de um local para pernoitar durante essa época festiva, tamanha importância do evento para os imigrantes. (MORAIS, 1956).

Os bailes do *Kerb* também desempenhavam um importante papel na sociabilidade dos colonos; pois além de ser um ambiente para conversar e dançar, muitas vezes ocorriam “arranjos” de casamentos ou até se fechavam negócios durante o baile. (MENASCHE; SCHMITZ, 2007, p. 2).

Ramos (2000) ao tratar da Sociedade Orpheu², em São Leopoldo, como espaço de sociabilidade dos grupos de elite teuto-brasileiros, entre os séculos XIX e XX, acredita que “A criação de um clube envolve, quase sempre, alguns aspectos importantes, cuja finalidade é tornar visíveis os laços aos quais os criadores estão amarrados, ou melhor, evidenciar o lastro sócio-político-cultural no qual o clube está inserido”. (RAMOS, 2000: p. 88). Ramos trabalha buscando evidenciar o papel e a relevância dos clubes sociais enquanto espaços de lazer que representem a elite alemã de São Leopoldo. Os clubes seriam espaços de representações locais de uma elite de imigrantes que cresceu economicamente, ainda na metade do século XIX, alcançando determinado *status* e poder político. (RAMOS, 2000: p. 251). Dessa forma, a Sociedade Orpheu tornou-se o local de – entre outras coisas – representar o crescimento social, econômico e político diante da sociedade. É, dessa forma, que os bailes *Kerbs* também podem ser entendidos, pois nota-se na tela aqui analisada que Weingärtner representou em primeiro plano os imigrantes que possivelmente faziam parte desta elite estudada no espaço do Clube Orpheu.

Contudo, a ideia de formação de um clube significaria a formação de um espaço – que embora seja para a elite, de trocas e perpetuação da cultura alemã, uma vez que “[...] A idéia de pertencimento a um povo ou etnia está fundamentada, portanto, em valores construídos ao longo dos séculos XVIII e XIX, no caso alemão, e se expressou em usos, costumes, língua, vida social e associativa, entre outros aspectos”. (RAMOS, 2000, p. 89). Afirma-se, portanto,

ser esse um espaço para além da sociabilidade, mas também um local de demonstração pública de poder político e de demarcação da nacionalidade alemã. (RAMOS, 2000, p. 92).

A elite que se constrói ao longo do tempo em São Leopoldo é oriunda de um processo de ascensão social e econômica que vem-se formando desde meados do século XIX. Durante esse tempo, ela vem gradativamente traçando estratégias para alcançar um *status* mais elevado, seja internamente, entre seus pares, seja externamente, diante da sociedade nacional. A fundação de sociedades recreativas de canto, bolão, tiro ou ginástica faz parte dessa estratégia. Era nos clubes sociais ou no espaço da cidade que se davam as práticas sociais e as representações da elite leopoldense. Era ali, também, que elas podiam ser “lidas” de múltiplas formas. (RAMOS, 2000, p. 231).

Frente a esse panorama é necessário conceituar o que se entende por festa neste artigo. Temos, pois, nas palavras de Norberto Guarinello:

Festa é, portanto, sempre uma produção do cotidiano, uma ação coletiva que se dá num tempo e lugar definidos e especiais, implicando a concentração de afetos e emoções em torno de um objeto que é celebrado e comemorado e cujo produto principal é a simbolização da unidade dos participantes na esfera de uma determinada identidade. Festa é um ponto de confluência das ações sociais cujo fim é a própria reunião ativa de seus participantes. Festa, portanto, produz identidade. [...] O que chamamos de festa é parte de um jogo, é um espaço aberto no viver social para a reiteração, produção e negociação das identidades sociais. (GUARINELLO, 2011, p. 972).

Nesse sentido, a produção de uma identidade pode também ser conflitante, já que nem sempre a identidade ajuda a incluir ou a tornar parte, mas também tem o poder de excluir. No caso dessa tela, a personagem negra que espia a festa da janela parece não fazer parte da identidade formada dentro do ambiente que ocorre a festa *Kerb*, onde os colonos aproveitam o espaço para reafirmar sua identidade e também para perpetuar sua cultura. A festa é, enfim, uma forma de expressão e manutenção dos vínculos sociais e afetivos; é o local de união das identidades e de encontro de pares. A festa também se enquadra no processo de formação de hierarquias, e a tela *Kerb* parece ser um espelho dessa reflexão: do lado de fora da casa os negros; juntos no canto direito aparecem os colonos mais abonados; as senhoras com aventais brancos estão juntas em outro canto no lado direito da tela, são possivelmente as matriarcas das famílias; os músicos juntos na segunda sala; e no canto esquerdo os senhores aparecem um pouco mais simples que os colonos presentes no canto direito. As únicas que parecem não

seguir uma hierarquia são as meninas que brincam juntas, e, se não fosse pela diferença das roupas, em tom de igualdade.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior ao fazer uma revisão da literatura sobre o significado das festas, as apresentam como uma mistura oriunda da mescla entre a brasilidade e o europeu, mas que também é um jogo de força entre os dominados e os dominantes:

[...] o evento festivo é um indício, um sinal, um acontecimento que permite acessar práticas e significações do mundo dos dominados, práticas e significações em conflito e muitas vezes rebeldes, mas sempre de resistência às práticas e significações das elites sociais. (JÚNIOR, 2011, p. 141).

Vania Inês Avila Priamo afirma sobre as festas *Kerb e Kolonie*, em Nova Hartz, que: “Estes espaços de sociabilidade possuem normas de conduta, sejam eles espaços formais [como clubes, sociedades, maçonaria, igrejas] ou informais [como bares, ruas, parques e praças]. Estas normas podem ou não ser obedecidas”. (PRIAMO, 2013, p. 154). A importância da festa vai além da comemoração e da festividade, pois serve como manutenção das relações e criação de redes de apoio e ajuda. Contando com a conjectura do contexto, as redes relacionais eram mais do que necessárias, uma vez que a precariedade dos ambientes, dos meios de transporte e de comunicação eram de difícil acesso às pessoas. As redes sociais aparecem como elemento de grande importância para a sobrevivência do colono, para além da manutenção da sua cultura e identidade. Nesses ambientes ocorrem também a formação de sociedades, de negócios, ou até casamentos. As festas servem de baliza para essa manutenção das relações e das redes sociais. Priamo (2013, p. 155) afirma que:

Nestes espaços de sociabilidade que podem vir a construir redes de solidariedade entre membros da comunidade, a interação entre os locais e os visitantes tanto fortalece a relação de alteridade como possibilita o contato com novas formas de ser e de viver num processo de troca e de transformações mútuas.

Pedro Weingärtner foi um descendente de imigrantes alemães que soube utilizar muito bem as suas próprias redes sociais. Contou mais de uma vez com a ajuda de amigos, e até do Imperador Dom Pedro, II para a manutenção dos seus trabalhos e estudos na Europa. Além disso, o pintor soube também se utilizar desse aspecto, seja através de amigos influentes como Kozeritz, ou ainda no meio político, tendo sido designado a retratar Júlio de Castilhos, ou

obras como *Rodeio*, para que pudessem ser expostas em sedes do governo e que representassem a cultura gaúcha.

Na festa buscam-se os elementos que unificam e não os que separam, ela serve como uma forma de identificação entre as pessoas que se sentem parte de um grupo, pois se não ocorrer identificação, não haverá participação da festa. São elementos importantes para as comunidades de origem germânicas. (PRIAMO, 2013, p. 156). Aqui ocorre uma dupla representação de identidade: a dos colonos “bem de vida” e dos “mais simples”. Dessa forma, a importância da festa para a manutenção da identidade germânica:

A identidade dos antepassados é reivindicada, mas a sua identidade brasileira também não se deseja deixar de lado. Então ser ítalo-brasileiro ou teuto-brasileiro é ter uma identidade própria: são brasileiros, mas sem esquecer as raízes históricas dos seus antepassados. Fazem-se brasileiros não somente por nascimento, mas por afinidade, por pertencimento. Ainda que hajam discursos apologéticos relacionados à pátria dos antepassados, ainda que desejando preservar as suas tradições sentem-se plenamente brasileiros, mas brasileiros a seu modo com toda a carga identitária e étnica que carregam. (PRIAMO, 2013, p. 157 - 158).

A pintura *Kerb*³ é rica em informações das cenas do cotidiano, pois representava esta festa tradicional dos colonos em Novo Hamburgo⁴, onde estão apresentadas duas tipologias e identidades distintas que contribuíram para formação rio-grandense, interagindo no mesmo ambiente: o gaúcho e o colono. A descrição da obra, segundo Guido, mostra que o pintor não teria se preocupado apenas com a descrição das indumentárias e do ambiente bem detalhado, mas também em representar esses dois tipos bem definidos:

O grupo é típico e significativo de duas raças que se vinculam: a de origem germânica, representada nas jovens colonas, de pé, sob o grande lampadário ao qual se pendurou uma garrafa de champanha, e a tipicamente gaúcha com seu traje tradicional. Um dos gaúchos, de pala, bombachas, chapéus na cabeça e lenço ao pescoço, oferece o braço a uma das jovens colonas, convidando-a a dar começo à dança. [...] ressaltando claro o propósito do artista de representar fielmente um ambiente humano com as suas diferenças étnicas e contrastes típicos de indumentária que caracterizam o encontro de dois elementos fundamentais na formação da civilização rio-grandense: o gaúcho da região pampeana e o colono das zonas rurais da serra; o homem de pala e de bombachas e o que ainda usa os trajes do seu país de origem. (GUIDO, 1956, p. 61 - 62).

Pode ser observado, no lado direito da pintura um grupo de imigrantes que parecem estabilizados economicamente, evidenciado pelas roupas elegantes e finas, pelas luvas, chapéus e sapatos. Repara-se o homem usando botas novas e uma menina bem trajada montando guirlandas de flores no chão com sapatinhos lustrosos em contraste a outra menina – uma “caboclinha” – que aparece descalça, igualmente no chão. Ao estudar a importância da vestimenta como signo de *status* social é reforçada a ideia da diferenciação das classes sociais através das vestimentas, incluindo os trajes típicos alemães, além disso, os enfeites como jóias que uma mulher pudesse vir a usar, demonstravam a riqueza e sucesso de seu pai ou marido. (KOCH; WOLTZ, 2015, p. 91).



Figura 2 - *Imagem ampliada Kerb*. Fonte: WEINGÄRTNER, Pedro. *Imagem ampliada Kerb*, 1892. Óleo sobre tela, 75 x 100 cm. Coleção Sergio e Hecilda Fadel. Rio de Janeiro, RJ.



Figura 3 - *Imagem ampliada Kerb*. Fonte: WEINGÄRTNER, Pedro. *Imagem ampliada Kerb*, 1892. Óleo sobre tela, 75 x 100 cm. Coleção Sergio e Hecilda Fadel. Rio de Janeiro, RJ.

Na esquerda da tela um grupo de gaúchos conversam com algumas moças, o que pode sugerir um convite para dançar. Sentadas, aparecem as senhoras com um avental branco por cima dos vestidos, um hábito típico europeu. Já os músicos estão sentados, em um momento de pausa e de descanso, aproveitando para beber e se alimentar. A figura de um pequeno cachorro também está presente na festividade, bem animado ele parece acompanhar a conversa de seu dono no lado esquerdo da tela. Na janela, do lado de fora, figura a imagem de uma senhora negra ao lado de dois meninos, aparentemente espiando o festejo.

Não passa despercebida a decoração delicada da casa, enfeitada com guirlandas de flores delicadamente colocadas no teto, e seguradas por laços vermelhos de fitas, e que emolduram a passagem de uma sala para outra. O lustre foi igualmente decorado com guirlandas de flores rosas claras. O salão estava amplamente aberto para as pessoas poderem dançar, as cadeiras ficavam encostadas nas paredes para abrir espaço. Em primeiro plano vemos também uma cadeira com uma garrafa de bebida, provavelmente alcoólica, junto com alguns copos e xícaras de louça fina. A cadeira que segura os copos possui um tecido muito fino e delicado em suas costas, é branco e rendado, sendo provável que seja pertencente a algum membro do grupo que se encontra no canto inferior direito da tela. Nota-se ainda na parede da segunda saleta um quadro pendurado, e que parece ser um retrato de um senhor – e, quem sabe até um dos retratos que o próprio Weingärtner teria elaborado para alguma figura importante do baile. Já Guido descreve a cena da festa da seguinte forma:

É o momento em que vão começar as danças: várias senhoras, garotos e cavalheiros estão sentados em redor da ampla sala; duas meninas, no chão, brincam, em primeiro plano. À direita observa-se um grupo no qual um homem de botas, sentado, segura o queixo com uma das mãos e observa, ao que parece vivamente interessado. Junto dele, toda de claro na sua vaporosa *toilette* antiga, de leque escuro na mão enluvada e de chapéu, formosa jovem de tipo germânico olhava sorrindo para um grupo de moças e de homens à esquerda. (GUIDO, 1956, p. 61).

A garrafa no teto aponta para um elemento cultural bastante interessante dos imigrantes. Ela servia como uma espécie de “elo” para aproximar os casais. Quando um homem tinha interesse em uma mulher, retirava a garrafa do lustre e convidada a moça para beber com ele, e depois dançavam e conversavam⁵. Conforme encontrado na literatura: “No meio do salão, há no teto uma coroa enfeitada, de cujo centro pende uma garrafa de cerveja ou vinho, o ornato característico do *Kerb*”. (WOLFF; FLORES, 1994, p. 208).



Figura 4 - *Imagem ampliada de Kerb*. Fonte: WEINGÄRTNER, Pedro. *Imagem ampliada de Kerb*, 1892. Óleo sobre tela, 75 x 100 cm. Coleção Sergio e Hecilda Fadel. Rio de Janeiro, RJ.

Considerações Finais:

Muitas são as representações culturais presentes na cena da pintura. Os aspectos mais simbólicos referentes à representação da imagem do imigrante alemão concernem às questões – entre outras – de *status*, visto que o destaque no quadro identifica os colonos sentados à direita. As roupas finas e a postura demonstram que são colonos já estabelecidos financeiramente. A tela representa um espaço social, onde acontece a confraternização das diversas famílias de imigrados. Essa pintura contrasta com *Tempora Mutantur*, onde a situação dos imigrantes seria diferente, mais precária, de quem recentemente chegou ao Estado e está iniciando a vida. Contudo, esse quadro toma um sentido histórico ao representar a festa tradicional do *Kerb*, que ocorria periodicamente nas colônias alemãs⁶, reúne as figuras distintas do imigrante e apresenta diversos fatores culturais e elementos que quando analisados e relacionados com a história demonstram aspectos da vida social dos imigrados alemães no Sul.

A tela *Kerb* não deixa de ser uma fonte importante para a compreensão da cultura e dos espaços de sociabilidade dos imigrantes teuto-brasileiros, pois apresenta uma série de elementos culturais visuais que revelam o modo de comportamento, vestimenta e relações presentes nas festas. O registro feito pelas pinceladas de Weingärtner parece ser quase real em

função de detalhismo em cada componente encontrado na pintura. Os brincos das moças, o delicado tecido das vestes, as casas aparecendo pela janela, as expressões no rosto dos personagens, tudo parece ter sido tão propositalmente pensado que poderíamos arriscar dizer que foi produto de uma reprodução de alguma fotografia, ou esboço anterior de alguma festa que o próprio pintor teria, quem sabe, participado, pois como é sabido Weingärtner tinha gosto por reproduzir cenas que ele mesmo observava e gravava através de esboços prévios ou ainda de fotografias.

Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. *A imagem*. 4ªed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: História e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.

GUARINELLO, Norberto L. Festa, Trabalho e Cotidiano. In: JANCSÓ, I.; KANTOR, I. (Orgs.). *Festa, Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: Edusp, 2011. p. 969-975.

GUIDO, Ângelo. *Pedro Weingärtner*. Porto Alegre: Divisão de Cultura – Diretoria de Artes da Secretaria de Educação e Cultura, 1956.

JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Festas para que te quero: por uma historiografia do festejar. In: *Patrimônio e memória*. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, jun. 2011, p. 134-150.

KOCH, Bárbara Gisele. WOLTZ, Ana Maria Argenton. A simbologia dos trajes alemães e a transposição de seus elementos para moda em festividades típicas. In: *Revista Moda Palavra e-Periódico* v. 8, n.15, jan./jul.2015. p. 82 – 105.

MENASCHE, Renata; SCHMITZ, Leila Claudete. Agricultores de origem alemã, trabalho e vida: saberes e práticas em mudança em uma comunidade rural gaúcha. In: VII CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE SOCIOLOGÍA RURAL, 2006, Quito. Anais...Quito, 2007.

MORAIS, Carlos de Souza. *O kerb*. CORREIO DO POVO. Porto Alegre, 06 de julho de 1956. Disponível em: <<http://www.jangadabrasil.com.br/revista/julho80/fe80007c.asp>> Acesso em: 30 de Out. de 2014.

PRIAMO, Vania Inês Avila. *Entre a história e o turismo: as cidades e seu patrimônio cultural* (Nova Hartz-RS). 2013. 235 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, RS, 2013.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. *O teatro da sociabilidade: os clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras - São Leopoldo 1858-1930*. 2000. 275 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, RS, 2000.

SCHMITT, Jean-Claude. *O corpo das imagens: Ensaio sobre a cultura visual na Idade Média*. Bauru-SP: EDUSC, 2007.

TURAZZI, Maria Inez. *Iconografia e Patrimônio: O Catálogo da Exposição de História do Brasil e a fisionomia da nação*. RJ: Fundação da Biblioteca Nacional, 2009.

WOLFF, Cristina Scheibe; FLORES, Maria B. Ramos. A Oktoberfest de Blumenau: turismo e identidade étnica na invenção de uma tradição. In: VASCONCELLOS, Naira; MAUCH, Claudia. (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ed. ULBRA, 1994.

¹ Vem da palavra alemã *Kirchweih* que quer dizer inauguração da igreja, com o advento da imigração alemã. (MORAES, 2005, s/p).

² Segue a seguinte informação sobre a fundação da Sociedade: “fundação da Sociedade Orpheu, o primeiro clube social criado na área urbana de São Leopoldo, em 20 de janeiro de 1858”. (RAMOS, 2000, p. 84).

³ No ano de 1892, mesmo ano que pintou a obra *Kerb*, Pedro Weingärtner expôs no Rio de Janeiro suas primeiras pinturas de temática regional, incluindo esse quadro, onde obteve grande sucesso.

⁴ Nas férias de 1892, quando o pintor esteve em Novo Hamburgo, rendeu-lhe dois quadros: *Kerb e Fios Emaranhados*. (GUIDO, 1956).

⁵ Informação oral na palestra proferida no MARGS pelo Prof. Dr. Paulo Gomes. “*Vida, Carreira e Obra de Pedro Weingärtner*”. Em 25 de maio de 2010.

⁶ Atualmente ainda ocorre essa festa em algumas regiões do interior do Rio Grande do Sul, embora em menor escala, tendo a duração de apenas um dia, e, possuindo uma intenção muito mais comercial do que de ambiente de sociabilidade e cultural para a etnia alemã.